

**Revistas The Economist e Veja:  
representações discursivas acerca do governo de Dilma Rousseff**

***Magazine The Economist and Veja:  
discursive representations about the government of Dilma Rousseff***

Max Silva da ROCHA<sup>1</sup>  
Marcos Apolinário BARROS<sup>2</sup>

## **Resumo**

A produção das ideias se materializam no discurso, sobretudo quando praticado numa sociedade de classes. Costumeiramente se aceita o discurso quando produzido por entidades de renome internacional. No sistema capitalista, a dominação se faz tanto pela dominação dos meios de produção como e em especial pela dominação ideológica. Desse modo, a Análise do Discurso visa clarificar o intrincado das falas, com vistas a desmistificar o grandioso papel das relações sociais capitalistas, marcadas como são pela exploração e pela alienação desenfreada da classe trabalhadora. No estudo em apreço, constatar-se-á a vociferada atuação das revistas The Economist e da Veja quanto ao governo de Dilma Rousseff. Portanto, constatou-se que o mais importante, para ambas as revistas, era a manutenção do sistema capitalista.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Dilma Rousseff. Revistas.

## **Abstract**

The production of ideas materialize in discourse, especially when practiced in a class society. Customarily accepts the speech when produced by internationally renowned entities. In the capitalist system, the rule is done both by the domination of the means of production and especially as the ideological domination. Thus, discourse analysis clarifies the intricacy of the talks, in order to demystify the great role of capitalist social relations are marked by exploitation and rampant alienation of the working class. In the study in question, it will be seen from the vociferada performance of The Economist magazine and see as the government of Dilma Rousseff. Therefore, it was found that the most important for both magazines, was to maintain the capitalist system.

**Keywords:** Discourse Analysis. Dilma Rousseff. Magazines.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras – Português pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Integrante do grupo de pesquisa Linguagem e Retórica (CNPq). E-mail: msrletras@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras – Português pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: msrletras@outlook.com

## Introdução

A disciplina Análise do Discurso constitui-se num dispositivo de grande utilidade capaz de dar visibilidade ao enredo que perpassa as mais diversas falas, quer na economia, quer na política e em todas as áreas envolventes do humano. Daí porque a AD não é neutra e formula sempre uma crítica arrojada ao modo de produção capitalista, desvirtuando “as suas bondades e valores”. No mais, a Análise do Discurso (repita-se na concepção aqui trabalhada) funda-se no materialismo histórico-dialético, por isso seus arrazoados indicam a suplantação da sociabilidade mercadológica pelo trabalho associado.

Conseqüentemente o nosso país vive momentos de radical dilema, pois se por um lado há diversas ações governamentais que objetivam reduzir a pobreza, por outro as grandes corporações internacionais e nacionais encontram aqui campo fértil para a efetividade de investimentos especulativos. Diante dessas duas realidades aparentemente opostas, a presidenta eleita Dilma Rousseff tornou-se a bola da vez dos arautos do capitalismo, tanto de indivíduos, como de periódicos e dentre os mais famosos está o *The Economist*. Desse modo, os discursos desses arautos indicam o caminho a ser seguido pela presidenta, o que é interessante ao capital internacional e nacional e reafirmam o discurso de campanha, em que Rousseff ratificou dar continuidade ao governo Lula. Se de fato, cumprir com a palavra, a presidenta manterá os “investimentos” e deixará que o império do lucro se aprofunde muito densamente. Em contrapartida, a fim de manter as aparências, fará algumas reformas, mexendo aqui e ali, distribuindo parcelas minguadas das riquezas produzidas pelos trabalhadores e para preservar seu governo das insatisfações populares, fará a si mesma agradáveis elogios através das propagandas nos meios de comunicação.

Postas estas questões de fundo, propomo-nos analisar a fala do *The Economist* comentada na revista *Veja*, edição online de 05.11.2010, cujo *corpus* de análise se intitula: Dilma terá de provar que não é um Lula de batom. Dessa forma, a fim de melhor fundamentar esta análise, far-se-á breve comentário sobre algumas categorias da AD que estão presentes neste estudo. São elas: Condições de Produção do Discurso, Formação Ideológica, Memória Discursiva, Formação Discursiva e Implícitos.

## **Condições de produção do discurso**

Qualquer discurso não é uma produção neutra, desvinculada da história humana. No mais “não há um sentido dado, único, verdadeiro, mas vários sentidos que estão além das evidências”. (FLORÊNCIO, 2009, p.65). As condições de produção se apresentam sob dois sentidos: amplo e estrito. Em sentido amplo, o discurso permanece encaixado no sistema capitalista, sob a perspectiva neoliberal, o predomínio e a ingerência do capital internacional nas economias locais e as técnicas ideológicas que vinculam o discurso ao modelo de sociabilidade em voga. Seriam os meios mediatos que fundamentam o discurso. Em sentido estrito, tratam das questões imediatas balizadoras da produção discursiva. Neste caso, entra em cena o ideário que perpassa a cabeça do enunciante, os valores que defende, bem como os motivos que fundamentam a sua produção discursiva. “Desse modo, vê-se que as relações sociais e a luta de classes são condições materiais de produção do discurso”. (Idem, p.67)

## **Formação ideológica**

A ideologia é constitutiva básica das sociedades divididas em classes, como a nossa. Assim, “não há como teorizar sobre algo sem uma posição ideológica”. (Idem, p.73), pois todo e qualquer sujeito tem uma ideologia, a qual se materializa nas formações sociais através do discurso (Idem, p.70). Marx (1818-1883) desenvolveu uma concepção negativa de ideologia, que foi assumida por Althusser (1918-1990). Bakhtin (1895-1975), porém, mesmo se servindo do material marxista, este último percebeu que entre as classes populares há também produção ideológica, o que denominou de ideologia do cotidiano. Este fato indica que a ideologia dominante é entrecortada por outras ideologias. A sequência discursiva que logo mais se analisa, está perpassada pela ideologia neoliberal, em que não há neutralidade e cujo objetivo fundamental é o de estabelecer um liame entre as consciências e o *status quo*, como indicativo de que todos estão confortavelmente bem neste sistema.

## **Memória discursiva**

Integra o conjunto de categorias essenciais da Análise do Discurso. “Todo discurso dialoga com discursos que o precederam, incorpora elementos “pré-construídos” produzidos em outros discursos, em outras épocas, que constituem uma memória discursiva”. (CAVALCANTE, 2007, p.48). Assim, a memória discursiva refaz a linha do tempo subjetivamente e traz para o tempo que se chama hoje os pré-construídos, com vistas a explicitar uma situação abundante de forças ideológicas, tanto quanto os implícitos embutidos no discurso. Os componentes da memória discursiva entram num processo de ressignificação para trazer ao debate os motivos históricos constitutivos do dito. No caso em estudo, a memória discursiva indica desconfiança ou receio, bem como uma espécie de recomendação velada para a presidenta Dilma, cujo sentido é o de não desagradar os investidores estrangeiros.

## **Formação discursiva**

“É aquilo que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma palestra, aula, sermão, panfleto, exposição, programa) a partir de uma posição dada, em uma conjuntura dada”. (Idem, p.43). Toda e qualquer formação discursiva é ideológica, e não é fechada sobre si mesma, além disso, uma formação discursiva preponderante, em determinada formação ideológica, sempre é entrecortada por outras formações discursivas. As formações discursivas, portanto, são forjadas em relações dialógicas e históricas, constitutivas da “heterogeneidade discursiva” (Idem, p.45), deixando em plena visibilidade os conflitos entre as classes sociais. “O conceito de FD regula, dessa forma, a referência à interpelação-assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso”. (BRANDÃO, 2010, p.39). Sem embargo, os discursos estão prenes da formação discursiva, que “levando em conta uma relação de classe, determinam “o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada”. (Idem, p.38).

## **Implícitos**

Também denominados de pré-construídos são determinações presentes no discurso, porém sorrateiramente. É através do dito que se percebe o implícito, ou seja, aquele discurso que não é assumido pelo enunciante, no entanto, está presente.

Os sujeitos estão “condenados” a lerem de maneira contínua a realidade. Qualquer leitura feita carrega em si as permanências subjetivas, as quais se originaram das relações intersubjetivas anteriores (FLORÊNCIO, 2002, p.238), que são por si só ideológicas, podendo, desse modo, esconder ou clarificar a realidade, dependendo do grau de consciência e comprometimento dos indivíduos com a classe a que pertencem. Uma concepção da realidade deformada se dá com sujeitos de todas as classes sociais, ou até mesmo o contrário. É no âmbito dos conflitos de classes que os implícitos adquirem maior vulto, pois deles se servem a classe dominante para conservar o assujeitamento da classe dominada. No texto a seguir, os implícitos presentes lisonjeiam a sociabilidade do capital.

Nosso objetivo com a exposição acima está em que estas categorias serão focadas por ocasião da análise do texto a seguir. Vale ressaltar também que a sociabilidade do capital tem na ideologia do mercado e do consenso formas específicas de dominação. No entanto, a AD possibilita olhares para além do dito, buscando outros sentidos, com destaque para aqueles sentidos encobertos nos mais variados discursos, sobretudo, nos discursos dos arautos do capital, aqui devidamente representados pela *Economist* e pela *Veja*.

## **Dilma será um Lula de batom?**

A publicação afirma que os críticos de Dilma ficarão de olho especialmente na forma como ela vai lidar com a questão da responsabilidade fiscal – área em que uma diferenciação de seu antecessor seria bem-vinda. Em sua edição desta semana, a revista britânica *The Economist*, uma das mais influentes do mundo, analisa os desafios que a presidenta eleita Dilma Rousseff terá de enfrentar quando assumir o mandato, em 1º de janeiro. “Dilma, que nunca antes ocupou um cargo para o qual tivesse sido eleita, terá

de mostrar agora se será uma mera representante de Lula ou uma líder por si própria”, afirma a publicação. De acordo com a revista, Dilma enfrenta agora um problema semelhante ao que Lula enfrentou em sua primeira eleição, em 2002: o medo dos investidores. Embora tenha vencido a eleição com o discurso da continuidade das políticas econômicas e sociais do governo de seu antecessor, Dilma terá de acalmar os investidores receosos em relação à sua gestão. Isso porque, como lembra a *Economist*, a presidenta eleita pertenceu a uma guerrilha de esquerda durante o regime militar e vem de uma álea do PT que tem particular interesse na intervenção do estado na economia. A *Economist* afirma que as nomeações de Dilma passarão por forte escrutínio. Os investidores esperam que Lula consiga convencer Dilma a manter Henrique Meirelles na presidência do Banco Central. A publicação afirma que os críticos de Dilma ficarão de olho especialmente na forma como ela vai lidar com a questão da responsabilidade fiscal – área em que uma diferenciação de seu antecessor seria bem-vinda. Apesar dos recordes de arrecadação, o governo fechará suas contas no azul este ano apenas por causa da capitalização da Petrobrás – classificada como “receita extra”. Como lembra a *Economist*, Dilma vem defendendo responsabilidade fiscal, ao mesmo tempo em que apoia gastos sociais com os mais pobres. Para que consiga equilibrar as duas promessas, a nova presidenta terá de “cortar gordura das partes do orçamento em que Lula não tocou como as pensões no serviço público. Mas atacar tais vantagens generosas provocaria a ira de sua base e dos sindicatos, que ainda são uma força considerável dentro do PT”. Se estiver mesmo disposta a brigar por reformas, Dilma tem mais chances de consegui-las do que Lula. Isso porque terá maioria no Congresso e também mais representantes nos estados do que durante o governo Lula. “Ainda assim, Dilma deve ter dificuldades em impor sua vontade ao partido e à sua coligação”, afirma a publicação. A *Economist* lembra que a presidenta eleita criará um precedente ruim para o Brasil se permitir que Lula permaneça no poder, nos bastidores. “Dilma terá de convencer os duvidosos de que não é apenas um Lula de batom”.

## **Analisando o corpus: condições de produção do discurso**

O sistema capitalista com a sua feição neoliberal intensificou a intromissão do mercado no campo das relações sociais, quase sem oponentes. Assim, a vivência

humana foi dinamizada pelos valores mercadológicos, cujo epicentro são os EUA, os países europeus e o Japão. A China almeja alcançar o grupo dos ricos mediante a escravização pós-moderna de parte de sua população. Sem embargo, a economia global e a existência de todas as pessoas em todos os recantos do globo foram afetadas pelos interesses mercadológicos. É neste âmbito que se dá a ação dos especuladores sem limites de fronteiras ou soberanias nacionais. Por isso, o discurso da revista *The Economist* atende as prerrogativas neoliberais e do capital especulativo em escala mundial, constituindo, desse modo, o sentido amplo das condições de produção do discurso. A sequência discursiva a seguir indica a área de atuação da *The Economist*. A revista britânica *The Economist* é uma das mais influentes do mundo. No mesmo diapasão a Veja resenha o artigo publicado pela *Economist*, faz-lhe recortes com vistas a equalizar as políticas de governo local, a permanência ou não de Lula nos bastidores durante o governo de Dilma, a questão da responsabilidade fiscal e as gorduras do orçamento público, além de outras. Esta posição da Veja constitui-se no sentido estrito de produção do discurso, apesar de se referir a um artigo publicado por uma das revistas mais influentes do mundo. Esse entendimento decorre do fato de a Veja ter por intenção fundamental domesticar a classe média brasileira. Fazendo-a crer que o problema dos investidores é também problema nacional. Esta afirmação tem veracidade quando a revista informa que os críticos ficarão de olho no governo Dilma. Observe-se a sequência discursiva a seguir: “os críticos de Dilma ficarão de olho especialmente na forma como ela vai lidar com a questão da responsabilidade fiscal”. Esta sequência aparece mais de uma vez no texto, como quisesse indicar ser este o único e maior problema da recém-eleita presidenta do Brasil.

Responsabilidade fiscal é sinônimo de redução de gastos no setor público, efetividade do Estado mínimo e consolidação da equanimidade, ou seja, os ricos permanecem sempre mais ricos e os trabalhadores sempre mais sacrificados, por verem seus direitos diminuídos. Outros enunciados de sentido estrito podem ser visualizados. Por exemplo, Dilma enfrenta agora um problema semelhante ao que Lula enfrentou em sua primeira eleição, em 2002: o medo dos investidores. Lula e Dilma apresentam os mesmos sentimentos, fato que poderia acalmar os investidores, porém Dilma tem passado virulento: pertenceu a uma guerrilha de esquerda e vem de uma ala do PT que tem particular interesse na intervenção do Estado na economia, por isso, os investidores

estão receosos, cabendo a presidenta demandar esforços para contornar a situação, provavelmente com oferecimento de garantias, sobretudo, deixar claro que não é mais o que foi durante o regime militar. Daí porque terá de acalmar os investidores receosos em relação à sua gestão.

A *The Economist* insinua ao governo de Dilma quais as demandas dos investidores e em que ela deveria mexer para agradá-los. Assim, o discurso se materializa através da práxis. O dito dá sentido à existência, porque foi dito pela autoridade: uma das revistas mais influentes do mundo. Concomitantemente, a revista *Veja* cumpre o seu papel, qual seja, de divulgar os discursos adequados à conservação do *status quo*. Percebe-se a opção das citadas revistas pela existencialidade neoliberal e a adequação aos interesses dos investidores, membros natos da classe dominante.

Por conseguinte, a resenha põe a Dilma num grave dilema: permitir que Lula permaneça no poder, nos bastidores. E isto será um precedente ruim para o Brasil. Ao mesmo tempo critica Dilma se aceitar a permanência do Lula, porqueterá de mostrar agora se será uma mera representante de Lula ou uma líder por si própria. No entanto, o texto sugere a intervenção de Lula a fim de conservar o bônus que o capital internacional já obtivera desde 2002: manter Henrique Meirelles na presidência do Banco Central.

Entendemos ser essas sequências discursivas integrantes das condições de produção do discurso, porque elas brotam de uma base anterior, historicamente construída. Por isso, o texto ora permite a presença de Lula nos bastidores, ora o afasta, inclusive com críticas ao governo dele. É um discurso repleto de sentidos, pois deixa entrever as invectivas dos investidores estrangeiros no futuro governo, fala de reformas, mas aponta um único problema a ser reformado – a responsabilidade fiscal. E ainda retoma fatos da experiência guerrilheira de Dilma com o enunciado: se estiver mesmo disposta a brigar por reformas. As possíveis brigas encabeçadas pela ex-guerrilheira são por reformas, ou melhor, pela reforma que preserva os investimentos dos especuladores tanto quanto o modelo neoliberal.

## Formação ideológica

Partindo da análise anterior sobre as condições de produção do discurso, percebe-se o perfil da formação ideológica das duas revistas comentadas. Esta afirmação confirma a regra: todo discurso é ideológico. E como tal revela a quem o dito interessa e a quem serve. Assim é, porque os sujeitos falam de uma posição ideológica. Qual é, então, a posição ideológica da *Economist* e da *Veja*? Percorrendo vagarosamente o texto, vislumbram-se algumas sequências discursivas estabelecidas de maior proximidade com os investidores, os quais integram a classe social dominante. Reportemo-nos ao *corpus*. A posse da presidenta em primeiro de janeiro trará a Dilma o que trouxe ao Lula em 2002: medo dos investidores. Este amedrontamento é porque Dilma pertencera a uma guerrilha e está filiada a uma álea do PT que defende maior controle do Estado na economia. Estes fatos deixam os investidores receosos de se dizer com medoem ver diminuídos seus gordurosos lucros, mas como são bastante poderosos, dispõem de diversificados dispositivos para se assegurar de que as reformas não mexerão em seus interesses. A *Economist* e a *Veja* são alguns desses dispositivos com objetivos voltados a perpetuar o modelo econômico neoliberal. Desse modo, o texto sob estudo permite compreender a ideologia conforme a lição de Marx, isto é, negativamente. Pois o discurso é todo perpassado pelos interesses de elementos da classe dominante, os investidores, sem a presença de ideologias do cotidiano, conforme lição bakhtiniana. Outra comprovação de que as revistas têm opção ideológica definida está no como tratam a criticidade. Esta aparece mais de uma vez. Os críticos de Dilma; as nomeações de Dilma passarão por forte escrutínio.No caso em apreço, os críticos são ao mesmo tempo os propugnadores do capital. Por isso, voltam-se para um único problema não resolvido por Lula: a responsabilidade fiscal. Quanto às nomeações, o emblemático é a permanência do Meirelles na presidência do Banco Central. E para conseguir essa “façanha” recorrem ao execrado Lula. Os investidores esperam que Lula consiga convencer Dilma a manter Henrique Meirelles na presidência do Banco Central.No mais, a permanência de Lula nos bastidores do governo de Dilma criará um precedente ruim para o Brasil.Como se vê, a ideologia seleciona os fatos, as pessoas e as coisas. Aquilo que for interessante para a manutenção do *status quo* passa a ser

defendido. Qualquer fato, pessoa ou coisa desconexa dos interesses maiores emanados dos investidores devem ser descartados. Este “jogo” discursivo afunila as pretensões da presidenta, estabelece permanente diálogo com a classe média brasileira, leitora da *Veja*, com possibilidades desses leitores assumirem uma postura crítica, porém, “aprisionados no círculo vicioso dos efeitos condenados”. (MÉSZÁROS, 2008, p.30).

## **Memória discursiva**

A dar continuidade a nossa análise, deparamo-nos com a memória discursiva, categoria essencial da AD. Memória discursiva é “o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade” (ACHARD, 1999, p. 25). Os enunciantes conservam nas consciências as ocorrências construídas historicamente. Por isso os discursos presentes não são absolutamente livres do emaranhado das vivências anteriores. Neles resvalam pedaços de discursos já-ditos, marcadamente ideológicos, imersos num processo de ressignificação a fim de emergir no contexto presente. Este movimento perpassa o *corpus* que vimos analisando, pois, determinadas sequências discursivas que foram elaboradas em outro momento histórico são agora retomadas para justificar o receio dos investidores. Seleccionamos várias. Dilma, que nunca antes ocupou um cargo para o qual tivesse sido eleita. Esse dado “importante”, segundo a revista, se vincula a outro e juntos justificam o receio dos investidores.

A presidente eleita pertenceu a uma guerrilha de esquerda durante o regime militar e vem de uma álea do PT que tem particular interesse na intervenção do Estado na economia. As revistas trouxeram estes dois aspectos não somente para comprovar o porquê do receio dos investidores, como também para angariar mais receosos e juntos desencadear maior crítica a recém-eleita presidenta. Como se vê, a memória discursiva visa provocar efeitos políticos, como influenciar na tomada de decisões pela presidenta e ainda arregimentar maior número de “críticos” ao governa dela. “Todo discurso dialoga com discursos que o precederam, incorpora elementos ‘pré-construídos’ produzidos em outros discursos” (CAVALCANTE, 2007, p.48).

Esses pré-construídos restabelecidos visam condicionar as ações da presidenta, com vistas a acalmar os investidores receosos em relação à sua gestão, semelhantemente a Lula em 2002. A *Economist* indica a responsabilidade fiscal como o maior problema

do governo Dilma, no entanto, ela não terá dificuldades em solucioná-lo. É suficiente brigar por reformas, coisa que aprendeu a fazer muito bem por ter sido guerrilheira. No mais, tem a maioria no Congresso e nos governos estaduais. Porém, a ação da presidenta, isto é, a imposição da vontade dela é com vistas a cortar gordura das partes do orçamento em que Lula não tocou como as pensões no serviço público.

O discurso é peremptoriamente ideológico. Impõe a Dilma um dilema, como se ela pudesse fazer escolhas, mas na hora de decidir, na hora de impor sua vontade, cabe a ela “cortar a gordura das partes do orçamento em que Lula não tocou como as pensões no serviço público”. Nesta lógica francamente mercadológica, os pensionistas do serviço público brasileiro correm o risco de ver diminuída tais vantagens generosas fornecedoras dos meios condizentes com os muitos anos no serviço público. Os lucros pomposos dos receosos devem ser mantidos, mesmo que para isso parcela considerável da população brasileira veja crescer sobre seu corpo as contas do rosário de sofrimento.

## **Formação discursiva**

Não há que falar em discurso neutro, porque o sujeito fala desde uma posição, desde um ponto de vista, desde um lugar na história e sua fala é entrecortada por diversas falas anteriores. Por isso, toda e qualquer formação discursiva é ideológica. No mais, a formação discursiva preponderante numa sociedade de classes, semelhante à nossa, é entrecortada por outras formações discursivas, as quais se constituem em dispositivos aptos a questionar a sociabilidade imperante. Portanto, a revista *Veja* discursa de um lugar previamente definido, naturalmente ideológico, pois está voltada à classe média brasileira e costumeiramente critica exacerbadamente os movimentos contestatórios nacionais, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), além de outros. O artigo da *The Economist* se enquadra no perfil da *Veja*, trazendo ao debate apenas uma questão (a responsabilidade fiscal), mas fazendo parecer várias quando trata das reformas. Vejamos: os críticos de Dilma ficarão de olho especialmente na forma como ela vai lidar com a questão da responsabilidade fiscal. E no final diz: “se estiver mesmo disposta a brigar por reformas”. Ora, o texto não diz quais as reformas, no entanto, se voltam mais de uma vez à questão da responsabilidade fiscal. E somente para esta questão é que aparecerão os críticos. Todos ficarão de olho na escolha dos

ministros e não como a presidenta tratará esta questão fundamental. Para ambas as revistas a responsabilidade fiscal é questão crucial a exigir o olhar crítico. Desse modo, críticos de Dilma ficarão de olhona responsabilidade fiscal. Agem assim porque discursam a partir das preocupações e interesses dos especuladores, que repudiam o controle da economia pelo Estado. No mais, as revistas defendem, contraditoriamente, a presença de Lula nos bastidores apenas para sugerir a manutenção do Meirelles na presidência do Banco Central. Neste âmbito se encerra sua participação, deixando a Dilma agir por si própria, caso contrário, se tornará num Lula de batom.

## **Implícitos**

São os pré-construídos presentes no discurso através do dito. As subjetividades dos sujeitos se objetivam por meio do discurso. Este, por sua vez, permite que aquelas subjetividades venham à tona na forma de implícito, o qual não é assumido pelo enunciante. O texto que trazemos para análise contém diversos implícitos, cuja finalidade seria camuflar os componentes ideológicos presentes no discurso, os quais insinuem a existência de problemas, porém torna-se redundante em apenas um: a responsabilidade fiscal, área em que uma diferenciação de seu antecessor seria bem-vinda. Neste enunciado as revistas repetem os discursos dos investidores, que sempre sonharam com cortes no orçamento federal, sobretudo, quando se trata das pensões, que são tidas por eles como vantagens generosas e como tais não são direito adquiridos, podendo o governo federal reduzi-las de acordo com a sua vontade. Somente neste ponto Dilma terá que se diferenciar de seu antecessor. Nos demais casos não. Fica patente o interesse por um modelo de gestão, em que o capital globalizado e as relações mercadológicas se firmem mais intensamente. Assim, se não se diferenciar de seu antecessor, a presidente eleita criará um precedente ruim para o Brasil e se tornará num Lula de batom. Neste caso, para permanecer mulher terá que fazer as reformas, ou melhor, *a reforma*. O enunciado se coaduna também com a imagem de Dilma no exercício de cargos públicos que foi transmitida nos programas eleitorais em que ela aparece exigente e intransigente, com perfil de “cabra macho”. Em assim sendo, assumirá as políticas de Lula e internalizará a personalidade dele a ponto de se tornar no homem Lula, agora de batom. Outro enunciado interessante que permite contemplar

algo de implícito é o seguinte: Dilma vem defendendo responsabilidade fiscal, ao mesmo tempo em que apoia gastos sociais com os mais pobres. Conforme o estabelecido, a presidenta tem se comprometido com a responsabilidade fiscal. A composição verbal “vem defendendo” dá ideia de continuidade, de movimento, de que esta questão integrará a política de seu governo. Quanto ao verbo “apoia” estabelece outra relação sócio-política. Parece que outras entidades são chamadas para minimizar a situação dos mais pobres. E o governo de Dilma tem a obrigação simplesmente de apoiar, ajudar, favorecer, não pôr empecilho a quem queira amenizar esta questão nacional. No mundo globalizado presente, o Banco Mundial, a ONU e a UNESCO estão encarregados de dinamizar as economias mundiais a fim de equalizar as situações. É, pois, no âmbito das orientações e dos convênios propugnados por esses organismos que a presidenta apoiará gastos sociais com os mais pobres. Esta política preserva os lucros dos investidores e firma o consenso entre os pobres.

## **Considerações finais**

A Análise do Discurso (AD) se presta a esclarecer as entrelinhas das falas, relevando seus aspectos camuflados. No presente trabalho se analisou o discurso da revista *The Economist* republicada pela revista *Veja* no tocante ao governo de Dilma Rousseff. Evidenciou-se também na fala da revista o desejo latente de impor assuntos de importância fundamental para a manutenção do sistema capitalista e a subserviência do Brasil ao capital internacional. Viu-se também que as condições do discurso têm base ideológica, pois se forma no contexto social das classes, e visa manter o sistema capitalista. Outro elemento importante é a memória discursiva por meio da qual o indivíduo dialoga com os discursos precedentes, intercalando-os com os discursos atuais. Há também a formação discursiva condicionada pelas relações ideológicas. A formação discursiva se efetiva através de palestras, aulas, e outras falas do gênero. Por último vem os implícitos caracterizados por falas pré-constituídas, mas direcionadas a conservação do status quo. Desse modo, o texto divulgado pela revista *Veja* está permeado de aspectos sub-reptícios, cuja finalidade essencial é reforçar a submissão do governo de Dilma aos ditames do capital, pois quando se põe de maneira crítica é somente para impor certa maneira de pensar agradável aos donos do capital financeiro.

Enfim, a Análise do Discurso nos permite vislumbrar as manobras do capital através das falas de seus sequazes, os quais objetivam reforçar as trancas contra aqueles que se propõem discutir as mazelas do sistema capitalista. Outros tantos captam a ideologia dominante e permanecem enrodilhados no círculo vicioso dos efeitos condenados.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira; FLORÊNCIO, Ana Maria Gama. et al. – Maceió: EDUFAL, 2009. **Qualidade e cidadania nas reformas da educação brasileira**: o simulacro de um discurso modernizador. Maceió: EDUFAL, 2007.

\_\_\_\_\_. O enunciado e a polifonia em Bakhtin. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**– UFAL, nº 30, julho/dezembro, Maceió: EDUFAL, 2002.

KARL, Marx. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MÉSZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

VEJA ONLINE de 05.11.2010. **Tópico eleições 2010**. Disponível em: <[www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br)>.